

AJUDA PARA QUEM AJUDA

MARLENA THOMPSON

Aos dezoito anos, deixei minha casa no Brooklyn, Nova York, para ir estudar história na Universidade de Leeds, em Yorkshire, na Inglaterra. Foi uma época cheia de novidades, mas estressante, pois tinha de me adaptar a um lugar novo, sem ter ainda me acostumado com a dor da perda recente de meu pai - fato que ainda não conseguira assimilar.

Um dia, no mercado, tentando decidir que flores alegrariam meu quarto de estudante, confortável, mas sem graça, vi um senhor com dificuldade para se apoiar em sua bengala enquanto carregava um saco de maçãs. Corri para apanhar as maçãs, dando-lhe tempo de recuperar o equilíbrio.

- Obrigado, querida - ele disse, com aquela cadência característica de Yorkshire, que não me canso de ouvir. - Já estou bem, agora, não se preocupe - acrescentou, sorrindo para mim, não só com os lábios, mas com um par de brilhantes olhos azuis.

- Posso caminhar com o senhor - disse. - Só para ter certeza de que essas maçãs não vão virar purê antes da hora.

Ele riu e disse:

- Você está bem longe de casa, não é, moça? Você é dos Estados Unidos?

- Só de um dos estados, Nova York. Vou lhe falar sobre isso enquanto caminhamos.

Assim começou minha amizade com o Sr. Burns, um homem cujo sorriso e carinho logo se tornariam muito importantes para mim.

No caminho, o Sr. Burns (a quem eu sempre me dirigia assim, nunca o chamava pelo primeiro nome) se inclinava pesadamente sobre a bengala, resistente e enfeitada com os nós da madeira, que me lembrava um cajado bíblico. Quando chegamos à casa dele, ajudei-o a colocar os pacotes sobre a mesa e insisti em auxiliar na preparação do "chá" - quer dizer, sua refeição.

Interpretei seu débil protesto como um agradecimento.

Depois de fazer o chá, perguntei se haveria problema de eu voltar para visitá-lo. Pensei em estar com ele de vez em quando, para ver se precisava de alguma coisa. Com uma piscadela e um sorriso, ele respondeu:

- Eu jamais recusaria uma oferta vinda de alguém de tão bom coração, moça.

Voltei no dia seguinte, mais ou menos na mesma hora, de modo a poder ajudar mais uma vez na hora da refeição. A bengala era uma lembrança silenciosa de seu problema e, embora nunca pedisse ajuda, não protestava quando era auxiliado.

Nessa mesma noite tivemos nossa primeira conversa "de abrir o coração". O Sr. Burns me perguntou sobre meus estudos, meus planos e, principalmente, sobre minha família. Disse-lhe que perdera meu pai há pouco tempo, mas não falei muito mais sobre o relacionamento que tinha com ele.

Em resposta, meu amigo apontou duas fotografias em porta-retratos na mesa perto de sua cadeira. Eram duas mulheres, uma bem mais velha que a outra. Mas a semelhança entre elas era surpreendente.

Esta é Mary - ele disse, indicando a fotografia da mulher mais velha. - Ela se foi há seis anos. E aquela é nossa Alice. Era uma ótima enfermeira. Minha Mary não suportou a dor de perdê-la.

Derramei ali as lágrimas que eu não conseguira chorar pela minha própria dor. Chorei por Mary. E por Alice. Chorei pelo Sr. Burns. E chorei por meu pai, a quem nunca pude dizer adeus.

Eu visitava o Sr. Burns duas vezes por semana, sempre no mesmo dia. Invariavelmente ele estava sentado em sua cadeira, a bengala encostada à parede. A pequena televisão em preto-e-branco estava sempre desligada, pois meu amigo preferia se distrair com seus livros e discos. Ele parecia sempre contente em me ver. Embora eu dissesse a mim mesma que sentia prazer em ser útil, na verdade me sentia ainda melhor por ter conhecido alguém a quem podia revelar meus pensamentos e sensações que, até então, eu mal revelara a mim mesma.

Enquanto eu fazia o chá, conversávamos. Eu lhe contei que me sentia terrivelmente culpada por não estar bem com meu pai nas duas semanas antes de sua morte. Não tive a oportunidade de lhe pedir perdão. Nem ele de pedir o meu.

Embora o Sr. Burns também falasse, contava muito menos coisas do que eu. Lembro-me bem dele prestando atenção no que eu dizia. E muita atenção! Ele não só se mostrava atento, mas absorvia as informações, acrescentando detalhes da sua própria experiência e imaginação para compreender melhor.

Depois de um mês mais ou menos, resolvi visitar meu amigo num "dia de folga". Nem me preocupei em telefonar antes, pois imaginei que este tipo de cerimônia não cabia no nosso relacionamento. Quando cheguei, eu o surpreendi trabalhando no jardim, inclinando-se com facilidade e levantando-se igualmente sem qualquer problema. Fiquei confusa. Aquele era o mesmo homem que usava aquela bengala que parecia um cajado?

De repente, o Sr. Burns olhou em minha direção. Percebendo minha surpresa, acenou mais do que encabulado. Sem nada dizer, aceitei seu convite para entrar.

- Bem, moça. Deixe que dessa vez eu lhe prepare o chá.

Você parece exausta.

- Mas, como? - eu comecei. - Eu pensei...

- Eu sei o que você pensou, querida. Quando você me viu a primeira vez, no mercado, eu tinha torcido o tornozelo um pouco mais cedo naquele dia. Tropeçara numa pedra enquanto cuidava do jardim. Sempre fui um desajeitado.

Mas... quando foi que o senhor voltou a andar normalmente?

Seus olhos, não sei como, pareciam felizes e arrependidos ao mesmo tempo.

- Ah, bem... acho que no dia seguinte ao nosso encontro.

- Mas, por quê? - perguntei, completamente perplexa.

Com certeza ele não podia ter fingido precisar de ajuda só para eu lhe fazer o chá de vez em quando.

- Da segunda vez que você veio aqui, querida, foi quando percebi como você estava infeliz. Sozinha, triste a respeito de seu pai e tudo o mais. Pensei que podia lhe emprestar meu ombro calejado para você se apoiar. Mas eu sabia que você achava que estava vindo aqui por minha causa, não por causa de seus problemas. Achei que não voltaria se achasse que eu estava bem.

E eu sabia que você estava precisando conversar com alguém.

Alguém mais velho, até mesmo mais velho que seu pai. E ainda alguém que soubesse ouvir.

- E a bengala?

- Ah, é uma bonita bengala, não é? Eu a uso quando vou fazer algum passeio em terreno mais difícil. Vou chamar você para ir comigo no próximo.

E foi assim. O homem que eu me dispusera a ajudar foi quem me ajudou. Ele me deu de presente um pouco do seu tempo, doou atenção e bondade a uma jovem que precisava das duas coisas.

Uma das mais bonitas compensações da vida é que ninguém pode sinceramente tentar ajudar a outra pessoa sem ajudar a si mesmo.

RALPH WALDO EMERSON